

A Educação Financeira dos Estudantes do Ensino Médio de Rede Pública segundo aspectos Individuais, Demográficos e de Socialização

MARCELLO CHRISTIANO GORLA

Fundação Universidade Regional de Blumenau- FURB

CRISTIAN BAÚ DAL MAGRO

Fundação Universidade Regional de Blumenau - FURB

TARCÍSIO PEDRO DA SILVA

Fundação Universidade Regional de Blumenau - FURB

WILSON TOSHIRO NAKAMURA

Universidade Presbiteriana Mackenzie

RESUMO

A educação financeira é entendida como o conhecimento de opções de investimento, aplicações, que em conjunto com conceitos como inflação, juros compostos, tributação e outros permitem uma boa gestão dos recursos. A preocupação com a educação financeira vem crescendo em todo o mundo, abrindo espaço, para estudos sobre o tema. Neste sentido, o estudo possibilita um melhor entendimento do nível de educação financeira de estudantes de nível médio da rede pública, do mesmo modo que verifica como tem se dado a alfabetização financeira destes, e, proporciona uma visão das lacunas em educação financeira com as quais estes estudantes podem chegar aos cursos de graduação posteriormente. Deste modo, o objetivo da pesquisa foi verificar o nível da educação financeira dos estudantes do ensino médio de rede pública, segundo aspectos individuais, demográficos e de socialização. A população da pesquisa compreendeu 4.698 alunos do ensino médio de 14 escolas da rede pública do município de Blumenau e região. Utilizou-se o *excel* e *software* SPSS para o correto tratamento estatístico. Na análise dos dados adotou-se a frequência para os resultados descritivos, e em seguida, foram aplicados os testes de *kruskal-wallis* e *qui-quadrado*. O resultado indica que não há uma educação financeira efetiva entre os jovens estudantes do ensino médio, o que transparece em achados como: parte dos jovens não são obrigados a explicar aos pais em que estão gastando seus recursos financeiros; os alunos têm adquirido, em boa parte, conhecimentos financeiros com pais e parentes, e na prática do dia-a-dia, porém há pouco diálogo, no ambiente familiar, sobre assuntos financeiros. O conhecimento financeiro advindo da escola é baixo, sendo necessário uma melhoria na qualidade deste conhecimento, nesta fase ou futuramente, inclusive na graduação. Por fim, os futuros adultos podem causar problemas sociais pela incapacidade de administrar seus próprios recursos e os gastos de suas famílias.

Palavras-Chave: Educação Financeira, Alfabetização Financeira, Aspectos individuais, demográficos e socialização.

1 Introdução

As pessoas ao longo de suas vidas necessitam tomar diversas decisões financeiras. Tais avaliações e escolhas vão das mais simples à complexas, como aquisição de investimentos. Para efetuar o devido pagamento, investimento ou tomada de crédito, as pessoas necessitam de informação e de algum conhecimento financeiro. Esse conhecimento é tido como educação financeira (Campbell, 2006; Lusardi & Mitchell, 2007).

A educação financeira é entendida como o conhecimento de opções de investimento, o entendimento numérico e a compreensão de conceitos como inflação, juros compostos, tributação e diversificação de investimentos (Lusardi, 2009). Essa alfabetização financeira é, de acordo com a OECD (2013), uma combinação de conhecimentos, habilidades, atitudes e comportamentos necessários para a tomada de decisão e o alcance do bem-estar financeiro.

A preocupação com a educação financeira vem crescendo em todo o mundo, abrindo espaço, cada vez maior, para estudos sobre o tema. Não existe unanimidade de que há alta aceitação e ou penetração da educação financeira em todas as classes e camadas da sociedade, porém, é indiscutível que o assunto não pode ser abandonado ou negligenciado no planejamento social efetuado por entidades públicas e privadas (Savóia, Saito & Santana, 2007).

Nesse sentido, existem investigações que buscaram averiguar o nível de educação financeira da sociedade, tais como o de Costa e Miranda (2013) que investigaram se a educação financeira influencia a taxa de poupança escolhida pelos indivíduos. Os resultados indicam que, enquanto o nível de escolaridade (medido em termos de anos de estudo) não influencia na taxa de poupança, o nível de educação financeira exerce influência direta na decisão de poupar.

Por outro lado, Lusardi (2009) encontrou evidências de que mulheres, negros, hispânicos e pessoas com menor nível educacional apresentam resultados piores, que os homens brancos e escolarizados, em testes de educação financeira. Existem apontamentos divergentes sobre uma relação positiva entre o nível da educação da pessoa e seu grau de educação financeira.

De modo mais específico, dentro da educação financeira, tem se analisado uma perspectiva denominada de socialização econômica a qual trata do estudo de como as crianças e jovens constroem os conceitos econômicos, em quais estágios do desenvolvimento ocorrem essas construções, como manuseiam o dinheiro e como a interação social com os pais, a escola, o meio e as variáveis sócio demográficas afetam tal processo (Bessa, Fermiano & Coria, 2014).

Para Denegri, Palavecinos, Ripoll e Yáñez (1999) a socialização inicia-se na Educação Infantil e deve continuar ao longo da idade juvenil e adolescência. Durante a infância e adolescência, ocorre uma forte socialização econômica quanto à valores, atitudes, informações e habilidades que podem levar a condutas corretas ou à formação de hábitos negativos.

A partir destas exposições, infere-se que as unidades de ensino infantil, fundamental e médio, exercem papel fundamental na formação das características do indivíduo. Além disso, características pessoais (ex: gênero), características demográficas e de socialização (grupo familiar, renda), também exercem fator preponderante para a formação das características financeiras em crianças e adolescentes.

Diante do exposto este estudo tem a seguinte questão de pesquisa: Qual o nível da educação financeira dos estudantes do ensino médio de rede pública avaliada segundo aspectos

individuais, demográficos e de socialização? O objetivo do estudo é verificar o nível da educação financeira dos estudantes do ensino médio de rede pública, segundo aspectos individuais, demográficos e de socialização.

A relevância do estudo sobre educação financeira com alunos de nível médio se dá, pois, apesar de sua importância social, essa temática tem sido pouco discutida pela população brasileira, assim como, tem recebido pouca atenção nos meios educacionais e, em adição, há uma necessidade de ampliar o desenvolvimento do conhecimento refletido pela baixa produção acadêmica e científica (Vieira, Bataglia & Sereia, 2011).

O estudo pode contribuir oferecendo uma visão ampla, que não discute apenas o nível educacional dos alunos de ensino médio, mas adiciona características individuais, demográficas e de socialização, visto que a formação do indivíduo não ocorre somente na escola, mas em todos os meios de convivência social. Desta forma, a pesquisa possibilita oferecer um melhor entendimento do nível de educação financeira de estudantes de nível médio da rede pública, do mesmo modo que verifica como tem se dado a alfabetização financeira destes na ausência de disciplina específica, e, indiretamente, proporciona uma visão das lacunas em educação financeira com as quais estes estudantes podem chegar aos cursos de graduação, inclusive, nas áreas de contabilidade, administração e outras.

2 Referencial Teórico

A sociedade atual clama por políticas, posturas e atitudes mais sustentáveis, e neste contexto, também se integram preceitos de educação financeira. Para Cohen e Young (2007), estratégias que promovam um consumo mais sustentável devem incluir dimensões da vida cotidiana, tais como a educação do consumidor no que tange à nutrição, alimentação, atividade física e finanças. Para tanto, aumenta a necessidade de entender melhor a educação financeira.

O referencial teórico a seguir pretende apresentar os principais conceitos e particularidades da educação financeira, assim como propiciar um levantamento de estudos capazes de dar suporte aos achados e contribuições para esta pesquisa.

2.1. A Educação Financeira: Definições, Características e o Papel da Poupança

A educação financeira é chamada por Becker (1967) de conhecimento da economia, que advém do resultado de treinamento específico, experiências e habilidades adquiridas pelas pessoas. Para Lusardi e Mitchell (2007, p. 36) a educação financeira é o processo:

“...pelo qual o consumidor financeiro/investidor melhora seu entendimento dos produtos financeiros e dos conceitos, por meio de informação, de instrução e de aconselhamento, para se tornar mais consciente dos riscos financeiros e fazer escolhas bem informadas”.

Um termo concernente ao processo de educação financeira é a socialização econômica, a qual trata do estudo de como as crianças e jovens constroem os conceitos econômicos, em quais estágios do desenvolvimento ocorrem essas construções, como manuseiam o dinheiro e como a interação social com os pais, a escola, o meio e as variáveis sócio demográficas afetam tal processo (Bessa *et al.*, 2014).

A falta da socialização econômica e de conhecimentos mais robustos de educação financeiro pode causar problemas pessoais e familiares. Para Lyons (2004), indivíduos inexperientes ou com conhecimentos financeiros limitados e com atitudes e comportamentos

irresponsáveis podem não entender conceitos financeiros básicos como, por exemplo, o efeito cumulativo da taxa de juros sobre a dívida no cartão de crédito, aumentando o risco de má gestão dos recursos e de problemas financeiros.

A OECD (2013) considera que a educação financeira pode beneficiar a todas as pessoas, independentemente do nível de renda. Para os jovens que estão iniciando no mercado de trabalho, ela pode ser uma ferramenta básica de planejamento e poupança de modo que suas despesas e dívidas fiquem controladas. Além disso, pode ajudar às famílias a terem disciplina de poupar, dando a oportunidade de ter melhores condições para financiar a educação dos filhos, terem um plano de saúde, e uma vida mais confortável.

Frankenberg (1999) comenta que a gestão financeira pessoal não é intangível e estática, pelo contrário, é um planejamento que deve ser feito de acordo com os valores pessoais de cada indivíduo. Braunstein e Welch (2002) e Perry (2008) enfatizam que, muitas vezes, as pessoas não possuem conhecimento financeiro adequado para decidir sobre suas finanças pessoais.

O objetivo da educação financeira é tornar as pessoas mais conscientes das oportunidades financeiras, escolhas e possíveis consequências. Com isso, de modo particular, a educação financeira pode colaborar para que as pessoas desenvolvam habilidades de acumular poupança (CLANCY; GRINSTEIN; SCHREINER, 2001).

Fox, Bartholomae e Lee (2005) comentam que os americanos também possuem deficiência na educação financeira familiar, a qual pode notar-se pelas taxas alarmantes de falência, elevados níveis de endividamento do consumidor, baixas taxas de poupança e outros resultados negativos que podem ser o resultado da má gestão financeira das famílias e os baixos níveis de educação financeira.

Em particular, indivíduos financeiramente educados tendem a cometer menos erros e a se expor mais a investimentos dinâmicos e mais lucrativos (Campbell, 2006). Entretanto, estudos realizados nos Estados Unidos mostram que mesmo pessoas com nível universitário apresentam baixos níveis de conhecimento financeiro (Lusardi, 2007). Com essa perspectiva, o desafio comum das instituições de ensino que oferecem educação financeira, de acordo com Fox, Bartholomae e Lee (2005) é mostrar que seus programas fazem a diferença na percepção do aluno. A educação financeira exercida nos locais de trabalho demonstra mais consistência tendo taxas de poupança melhoradas (TODD, 2002; BERNHEIM; GARRETT, 2003).

Em relação ao Brasil, Savóia *et al.* (2007) discorrem que as políticas públicas e diretrizes do MEC não incluem a educação financeira como requisito necessário para o desenvolvimento da população na sua vida adulta, visualizando a base multidisciplinar adquirida durante a vida escolar seja suficiente para que todos tenham conhecimento e habilidade para administrar seus rendimentos e despesas; assim como atribuindo a família tal papel.

Sob a óptica das pesquisas já citadas, o trabalho propõe verificar dentro do nível de educação financeira da amostra se este favorece uma visão de poupança. Também permite auferir se os respondentes, ainda numa fase intermediária de estudos, possuem interesse em assuntos financeiros, sendo capazes de colaborar nas decisões financeiras ou até mesmo decidirem por si só sobre a administração de seus recursos. Tais discussões vem sendo o cerne de pesquisas no cenário acadêmico de diversos países, as quais denotam o nível da educação financeira e seus determinantes em diferentes realidades e populações.

2.2 Estudos anteriores sobre Educação Financeira

Um estudo sobre os métodos utilizados para alfabetização financeira foi realizado por Mory e Lewis (2001), com 637 sujeitos ingleses, entre 16 e 60 anos, e verificou-se que os métodos utilizados para a alfabetização econômica das famílias eram muito variados. Alguns métodos verificados foram dar uma mesada para os filhos; incentiva-los a realizar operações bancárias; apoiar a economia a curto prazo, utilizando cofrinhos. Mas, uma percentagem muito pequena das famílias (32%), se preocupava em conversar e orientar seus filhos, sendo que as famílias de nível socioeconômico baixo davam menos informações econômicas para seus filhos, que às de nível socioeconômico alto.

Esta importância da família na educação financeira foi bem retratada por Scott (2010) o qual confere ao exemplo dentro de casa a condição de aliado na construção de indivíduos que possuam uma melhor racionalidade de gastos e a filosofia de poupança. Lusardi e Mitchell (2007, 2008) afirmam que educação financeira e preparação para aposentadoria (sinônimo para poupança) estão ligadas, enquanto que, para Bernheim, Garret e Maki (1997), o nível de poupança declarada aumenta, significativamente, com a escolaridade e a renda.

Heckman e Grable (2011) investigaram 80 estudantes de uma universidade do Centro-Oeste dos Estados Unidos e encontraram forte correlação entre o nível de renda e o nível de educação financeira. Vieira *et al.*, (2011) analisaram se a educação financeira obtida junto aos cursos de graduação influencia na atitude de consumo, poupança e investimento dos indivíduos. Utilizaram uma amostra estratificada de 303 alunos de graduação da primeira e última série dos cursos de Administração, Ciências Econômicas e Ciências Contábeis de uma Universidade Pública do Norte do Paraná. Os resultados indicam que a formação acadêmica contribui para a melhor tomada decisão de consumo, investimento e poupança dos indivíduos. Porém, existem outros fatores, como a experiência prática e a família que podem exercer influência.

No Brasil, de acordo com Vieira *et al.*, (2011), existem apenas algumas iniciativas independentes, por parte de instituições públicas e privadas, que contribuem para a informação financeira dos estudantes. Entretanto, tais iniciativas são incipientes para a transferência de conhecimentos financeiros necessários a decisão de mercado e negócios. Este trabalho busca colaborar na avaliação de tais afirmativas a respeito de estudantes, mas lança seu foco sobre o grau de conhecimento financeiro dos alunos de ensino médio brasileiros.

Bessa *et al.*, (2014) ressaltaram que as últimas décadas têm marcado intensificadas mudanças sociais, culturais, políticas, econômicas e tecnológicas que afetam o comportamento de pré-adolescentes e jovens. Essa geração necessita de investigações sobre a intensidade na compreensão do mundo econômico e o papel da família no processo de socialização econômica. A amostra abrangeu 830 estudantes de 10 a 15 anos de diferentes níveis econômicos, moradores da Cidade de São Paulo. Os resultados indicam que a geração estudada possui uma socialização econômica insuficiente para lidar com as exigências do mundo econômico.

A pesquisa de Fernandes e Candido (2014) também corrobora com essa visão preocupante sobre o conhecimento financeiro dos mais jovens. Foram analisados os paralelos da geração contemporânea, as fases de instabilidades políticas e monetárias e a atual geração. Os resultados indicaram que a atual geração não consegue administrar a si mesma, e suas principais esperanças estão em uma grade escolar ainda inexistente.

Lizote e Verdinelli (2014) analisaram as associações entre o conhecimento sobre finanças pessoais e as características dos estudantes do curso de Ciências Contábeis de uma

universidade comunitária do Estado de Santa Catarina. Utilizaram-se de análise fatorial, *Anova* e análise de correlações, e os resultados demonstraram que maiores conhecimentos sobre educação financeira se associam aos alunos que trabalham do que os que apenas estudam. Os estudantes que têm maiores rendimentos gerenciam melhor os empréstimos e financiamentos, lidam melhor com suas dívidas e realizam mais apropriadamente a gestão de ativos. As correlações analisadas confirmaram relações positivas e significantes entre a educação financeira e gestão de ativos e notas, mas uma relação negativa, com o endividamento.

Com o objetivo de desenvolver um modelo que explique o nível de alfabetização financeira dos indivíduos a partir de variáveis socioeconômicas e demográficas, Potrich, Vieira e Kirsch (2015), analisaram uma amostra de 1.400 indivíduos residentes no Rio Grande do Sul. Os efeitos marginais encontrados foram positivos e estatisticamente significantes para: gênero (9,56%), escolaridade (2,54%), renda própria (6,32%) e renda familiar (3,73%). Por outro lado, os efeitos marginais foram negativos e estatisticamente significantes para a *dummy* dependentes (-7,51%). Assim sugeriu-se que os indivíduos do gênero masculino, sem dependentes, com maiores níveis de escolaridade e de rendas própria e familiar, apresentam maior propensão a pertencer ao grupo com alto nível de alfabetização financeira. Além disso, a maioria dos pesquisados (67,1%) foi classificada como tendo um baixo nível de alfabetização financeira.

Dentro deste cenário apresentado no referencial teórico é possível perceber a importância da educação financeira nas dimensões econômica, social e pessoal. Por meio dos estudos anteriores vê-se o crescente interesse acadêmico neste tema, e relativamente ao papel de variáveis individuais, demográficas e sociais na construção do conhecimento financeiro. Desta forma, cabe esclarecer na próxima sessão como intenciona-se atingir os objetivos já citados, através da apresentação da metodologia utilizada.

3 Procedimentos Metodológicos

A presente pesquisa é caracterizada quanto aos objetivos, como de cunho descritivo, quanto aos procedimentos, como de levantamento e a abordagem do problema de natureza quantitativa. A população da pesquisa compreendeu 4.698 alunos do ensino médio e profissionalizante de 14 escolas da rede pública do município de Blumenau e região. O acesso para aplicação da pesquisa, foi obtido mediante pedido junto à Secretaria de Estado do Desenvolvimento Regional de Blumenau, gerência de educação (SDR/GERED-Blumenau). A amostra foi delineada tendo em vista o número de respondentes, totalizando em 1.937 alunos.

O instrumento de pesquisa foi construído buscando absorver informações acerca do nível de educação financeira de alunos do ensino médio. Tal instrumento foi validado aplicando-o, em uma turma de 30 alunos do ensino médio. Na construção, primeiramente foram estabelecidas 6 (seis) questões de aspectos individuais, demográficos e de socialização dos estudantes (QAP1 a QAP6).

Em seguida, foram estabelecidas 8 (oito) questões relativas à educação financeira, que buscaram absorver informações sobre: a forma de administrar os recursos financeiros (QEF1), a responsabilidade em apresentar relatórios financeiros (QEF2), o diálogo na hora de decidir sobre a compra de um produto (QEF3), a frequência em que há conversas sobre dinheiro com os pais (QEF4), os assuntos financeiros que são questionados na família (QEF5), a forma com que tem adquirido conhecimento financeiro (QEF6), o perfil financeiro (QEF7), e a decisão sobre o que fazer com o dinheiro (QEF8).

A aplicação dos questionários foi feita in loco durante o segundo semestre do ano de 2015. A limitação da pesquisa esteve relacionada a uma abrangência parcial da população, isto é, (41,23%) da população respondeu, pensar da aplicação *in loco*. A explicação para o fato, é que algumas turmas estavam em provas, trabalhos e ou recuperando conteúdos importantes, e assim, não foi possível a aplicação da pesquisa.

O questionário foi transcrito no *google docs* para a tabulação dos dados, e posteriormente, utilizou-se o *excel* e *software* SPSS para o correto tratamento estatístico. Na análise dos dados adotou-se a frequência para os resultados descritivos, e em seguida, com o intuito de identificar diferenças entre os aspectos individuais, demográficos e de socialização sobre a educação financeira, foram aplicados os testes de *kruskall-wallis* e *qui-quadrado*.

O teste de *Kruskall-Wallis* foi aplicado com os aspectos individuais, demográficos e de socialização de ordem ordinal (QAP1, QAP2, QAP3, QAP4), sobre as questões de educação financeira de ordem nominal (QEF1, QEF2, QEF3, QEF4, QEF5, QEF6, QEF7, QEF8). Conforme Fávero et al. (2009, p. 176) “o teste *kruskall-Wallis* verifica a probabilidade de que *k* amostras independentes sejam provenientes da mesma população...a variável utilizada no teste deve ser medida m escala ordinal ou quantitativa”.

Por outro lado, o teste *qui-quadrado* foi aplicado com os aspectos individuais, demográficos e de socialização de ordem nominal (QAP5 e QAP6), sobre as questões de educação financeira de ordem nominal (QEF1, QEF2, QEF3, QEF4, QEF5, QEF6, QEF7, QEF8). De acordo com Fávero et al (2009, p. 149) “o teste *Qui-quadrado* pode ser utilizado como uma extensão do teste binomial e é aplicado a uma amostra em que a variável nominal assume duas ou mais categorias. O teste compara as frequências observadas com as esperadas em cada categoria”

4 Análise e Discussão dos Resultados

Primeiramente, apresenta-se a descrição e codificação das questões utilizadas na pesquisa, bem como a análise da frequência em relação as respostas. Dessa forma, as questões dos aspectos individuais, demográficos e de socialização, estão contidas a seguir na Tabela 1.

Tabela 1 – Frequência e codificação das questões de aspectos individuais, demográficos e de socialização dos respondentes

Cód.	Questões de Aspectos individuais, demográficos e de socialização			
	Nível Ensino Médio			
QAP1	(1) 1º ano 29,74%	(2) 2º ano 42,90%	(3) 3 e 4º ano 27,36%	
	Idade			
QAP2	(1) Abaixo 16 54,98%	(2) Entre 17 e 20 44,50%	(3) Acima de 20 0,52%	
	Quantidade de membros que compõem o grupo familiar			
QAP3	(1) 2 pessoas 6,51%	(2) 3 pessoas 21,94%	(3) 4 pessoas 34,80%	(4) Maior ou igual a 5 36,76%
	Renda média mensal do grupo familiar			
QAP4	(1) Até 788,00 8,72%	(2) De 788,00 a 2.364,00 42,13%	(3) De 2.365,00 a 3.940,00 27,52%	(4) De 3.941,00 a 5.516,00 13,11%
	(5) Acima de 5.516,00 8,52%			

		Gênero			
QAP5	(1) Masculino 46,62%	(2) Feminino 52,14%	(3) Não deseja informar 1,24%		
Com relação aos ganhos financeiros					
QAP6	(1) Tenho Salário 20,96%	(2) Tenho salário e ajuda a família 15,44%	(3) Mesmo tendo salário, recebo ajuda da família 6,14%	(4) Não tenho salário, e nem recebo ajuda da família 17,81%	(5) Não tenho salário, mas recebo ajuda da família 39,65%

Fonte: Dados da pesquisa.

Verifica-se na Tabela 1 que a maioria dos respondentes cursa o 2º ano do ensino médio (42,90%). Em relação a idade, 54,98% possuem idade inferior ou igual a 16 anos, e 44,50% entre 17 e 20 anos. Na quantidade de membros que compõem o grupo familiar, 34,80% compõem um grupo familiar de 4 pessoas e 36,76% maior ou igual a 5 pessoas. A renda familiar média mensal é um fator importante a ser observado, em que a maioria (42,13%) dos respondentes tem renda familiar de 788,00 a 2.364,00. Os achados indicam que em relação ao gênero há certa proximidade na quantidade de respondentes do gênero masculino e feminino.

Com relação aos ganhos financeiros, verifica-se que a maioria necessita de ajuda financeira da família, visto que não recebem salário, ou seja, 39,65% dos alunos não tem salário, mas recebem ajuda financeira da família. Por outro lado, verifica-se que 20,96% dos respondentes recebem algum salário por trabalho. Nesse sentido, pode ser inferido que a parcela de estudantes que trabalha e recebe um salário, custeia os seus gastos pessoais, mas não ajuda financeiramente o grupo familiar.

A Tabela 2 demonstra a frequência e codificação das questões sobre educação financeira de alunos do ensino médio.

Tabela 2 – Frequência e codificação das questões sobre educação financeira

Cód.	Questões relativas à educação financeira				
Em relação à forma de administrar meus recursos financeiros, costume:					
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
QEF1	Guardar parte dos recursos porém sem planos futuros 15,85%	Guardar o dinheiro somente quando sobra 27,16%	Guardar parte dos recursos para gastar conforme planejado 37,89%	Guardar e investir parte de meus rendimentos 14,25%	Ter algum tipo de investimento em meu nome 4,85%
Sobre a responsabilidade de apresentar relatórios financeiros para os pais e ou companheiro (a):					
	(1)	(2)	(3)	(4)	
QEF2	Tenho a obrigação de apresentar explicações sobre como estou usando meus recursos financeiros 23,18%	Tenho que apresentar algum tipo de explicação somente quando os recursos gastos tiverem sido muito altos 16,73%	Tenho que apresentar algum tipo de explicação somente quando preciso pedir mais dinheiro 20,65%	Não preciso explicar como estou usando os recursos financeiros 39,44%	
Sobre o diálogo na hora de decidir a compra de um produto para o uso da família, normalmente:					
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
QEF3	Quando solicitado, dou minha opinião e ela é considerada 54,47%	Quando solicitado, dou minha opinião e ele não é considerada 6,45%	Quando solicitado, não dou minha opinião 5,11%	Mesmo não tendo minha opinião solicitada, dou minha opinião 25,30%	Não tenho minhas opiniões solicitadas pelos pais ou companheiro (a) 8,67%
QEF4	Com que frequência você conversa com os pais sobre dinheiro?				

	(1)	(2)	(3)	(4)			
	Não costumo conversar	Dialogo espontaneamente	Dialogo regularmente	Dialogo diariamente			
	23,23%	29,79%	26,23%	20,75%			
Qual assunto financeiro é mais questionado com a família:							
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)		
QEF5	Não costumo conversar com meus pais	Sobre consumismo	Sobre estudos e carreira	Sobre investimentos	Sobre o uso consciente do dinheiro		
	11,09%	14,14%	29,48%	10,43%	34,85%		
Caso você tenha algum conhecimento financeiro, como adquiriu?							
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)
QEF6	Família e parentes	Mídia, TV, internet e jornais	Prática do dia-a-dia	Amigos e conhecidos	Escola	Não tenho conhecimentos	Trabalho, cursos específicos
	45,38%	8,11%	24,73%	2,58%	9,09%	5,01%	5,11%
Em relação ao meu perfil financeiro, me considero:							
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)		
QEF7	Gastador (a), gasto praticamente tudo que ganho	Conservador (a), não me arrisco para ganhar mais	Cauteloso (a), faço compras somente quando necessário	Poupador (a), evito gastar minhas economias	Desligado (a), não tenho controle sobre meus gastos		
	22,72%	10,33%	41,77%	18,84%	6,35%		
Como decido o que fazer com meu dinheiro?							
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)		
QEF8	Sozinho	Conversando com os pais ou companheiro (a)	Conversando com outras pessoas	Meus pais decidem com o que devo gastar	Não recebo dinheiro		
	56,07%	33,56%	3,46%	3,10%	3,82%		

Fonte: Dados da pesquisa.

Verifica-se na Tabela 2 que em relação à forma de administrar os recursos, os respondentes costumam guardar parte dos recursos para gastar conforme planejado (37,89%), demonstrando certo nível de educação financeira. Por outro lado, parcela significativa (27,16%), guarda dinheiro somente quando sobra, e há poucos com algum tipo de investimento (4,85%), fatos que demonstram pouco nível de educação financeira.

Tais achados convergem com os de Bessa et al (2014) que haviam indicado uma socialização econômica insuficiente da atual geração de jovens, de certa forma, incompatível com as exigências do mundo econômico. De modo mais específico a falta de consciência sobre poupança também havia sido vinculada a um baixo conhecimento financeiro por Lusardi e Mitchell (2007).

Outro ponto que emerge uma reflexão, é que 15,85% dos respondentes até guardam parte de seus recursos, mas sem planos futuros. Tal postura sugere falta de conhecimento, insegurança ou pouca preocupação com a aplicação do recurso economizado. Essa falta de estratégia para Halfeld (2006) é oriunda de falta de capacidade de gestão financeira pessoal e impede a manutenção e acumulação de valores e bens.

No que tange a responsabilidade de apresentar relatórios financeiros aos pais e ou companheiro (a), verifica-se que grande parte (39,44%), não tem a obrigação de explicar como utiliza os recursos financeiros. Em relação ao diálogo na hora de decidir a compra de um produto para o uso da família, observa-se que a maioria tem a opinião considerada pelos pais, com 54,47%. Além disso, 25,30% dos estudantes, mesmo não tendo a opinião solicitada, inferem sobre o assunto no âmbito familiar.

Os resultados indicam que apenas 20,75% dos alunos conversam diariamente com seus pais sobre assuntos financeiros, e uma parcela importante (23,23%) não tem o costume de conversar sobre o tema, havendo pouco interesse no tratamento de assuntos financeiros em ambiente familiar. Tal achado confirma o que tinha sido notado por Mory e Lewis (2001), os quais relataram em seu trabalho que apenas (32%) das famílias dos seus 637 respondentes, se preocupava em conversar e orientar seus filhos.

Percebe-se que o uso consciente do dinheiro (34,85%), estudos e a carreira (29,48%), são os assuntos mais abordados no ambiente familiar. Além disso, em relação a forma de adquirir conhecimentos financeiros, os achados indicam que 45,38% ocorre pela família e parentes e 24,73% na prática do dia-a-dia.

Achados importantes são adquiridos sobre a inserção da escola no ensino da educação financeira, em que apenas 9,09% dos alunos reconhecem que adquiriram algum conhecimento financeira na escola. Tal fato demonstra que a escola deve se inferir com maior intensidade em tais assuntos, visto que a educação financeira dos alunos oferece contribuição de cunho social.

Estes dois últimos achados, ou seja, a baixa frequência de conversa sobre assuntos financeiros no ambiente familiar e o pequeno reconhecimento de aquisição de conhecimentos financeiros na escola, preocupam demasiadamente. Pois, como relatado por Savóia *et al.* (2007) as políticas públicas e diretrizes do MEC não incluem a educação financeira como requisito necessário para o desenvolvimento da população na sua vida adulta. Assim sendo, sem o papel da escola estar sendo bem realizado, explicado em certo grau pela atual grade de ensino e com a ausência de diálogos mais constantes na família, a educação financeira tende a ser negligenciada.

Em relação ao perfil financeiro, a maioria dos alunos (41,77%) possuem cautela nas decisões financeiras. Por outro lado, um grande percentual de alunos (22,72%) gasta tudo o que recebe, demonstrando pouco entendimento de educação financeira. Tais achados, fazem emergir a discussão de que a escola deve interferir no processo de formação da educação financeira de adolescentes. Tais alunos serão os futuros chefes de famílias e precisam ter consciência financeira para tomar decisões que contribuam para o ambiente coletivo de socialização.

Por fim, observa-se que a maioria (56,07%) decide o que fazer com o dinheiro sozinho. Este resultado causa preocupação, visto que parcela significativa dos alunos não tem conhecimento financeiro suficiente para decidir sobre seus gastos, sem que haja um monitoramento. Diante das evidências, contribui-se inferindo que os pais e a escola devem ter maior envolvimento na formação da educação financeira dos estudantes, pois possuem idade que necessita de direcionamento para uma adequada formação de um adulto consciente financeiramente.

A Tabela 3 mostra os resultados do teste de *Kruskall-Wallis* entre as questões sobre educação financeira com os aspectos individuais, demográficos e de socialização.

Tabela 3 – Resultado do teste de *Kruskall-Wallis* entre as questões sobre educação financeira com os aspectos individuais, demográficos e de socialização

Questões sobre educação financeira	Nível Ensino	Idade	Quant. Familiares	Renda Familiar
QEF1	0,003*	0,081	0,292	0,000*
QEF2	0,003*	0,000*	0,269	0,937
QEF3	0,011*	0,866	0,007*	0,000*
QEF4	0,002*	0,821	0,440	0,391
QEF5	0,024*	0,057	0,382	0,000*

QEF6	0,002*	0,250	0,123	0,205
QEF7	0,002*	0,165	0,020*	0,956
QEF8	0,049*	0,135	0,263	0,072

* Significância ao nível de 5%

Fonte: Dados da pesquisa.

Os resultados da Tabela 3 demonstram que a série cursada no ensino médio impacta sobre a educação financeira. Nesse sentido, a série que o aluno está cursando tem efeito importante pois favorece a conscientização do indivíduo. Portanto, deveria haver um maior interesse em relação a formação dos alunos de ensino médio, inserindo nessa fase conhecimentos e experiências que promovam a capacitação financeira a qual tende a ser impactada neste período.

Por outro lado, a idade do aluno apresentou ser significantes relativamente a responsabilidade de apresentar relatórios financeiros aos pais e ou companheiro (a) (QEF2). Além disso, tem-se que a quantidade de membros que compõem o grupo familiar impacta no diálogo na hora de decidir sobre a compra de um produto para uso da família (QEF3), e em relação ao perfil financeiro do aluno (QEF8).

Por fim, a renda média mensal do grupo familiar apresenta-se relevante sobre a forma com que os alunos administram seus recursos financeiros (QEF1), no diálogo na hora de decidir sobre a compra de um produto para o uso da família (QEF3) e nos assuntos financeiros questionados com a família (QEF5).

Tal afirmativa conflui para resultados já encontrados na literatura, como os de Bernheim, Garret e Maki (1997), que apontaram relação entre o nível de poupança (forma de administrar os recursos) e a renda familiar. Também foram constatados por Potrich, Vieira e Kirsch (2015), efeitos positivos e estatisticamente significantes entre a renda familiar e o nível de alfabetização financeira. A Tabela 4 mostra a apresentação sintética dos resultados de variáveis significantes do teste de *kruskal-Wallis* entre as questões sobre educação financeira e os aspectos individuais, demográficos e de socialização.

Tabela 4 – Apresentação sintética dos resultados de variáveis significantes do teste de *kruskal-Wallis* entre as questões sobre educação financeira e os aspectos individuais, demográficos e de socialização

QEF1	Nível de Ensino	Renda Familiar	QEF2	Nível de Ensino	Idade
	Rank Médio	Rank Médio		Rank Médio	
(1)	896,81	919,60	(1)	918,08	931,56
(2)	938,33	896,20	(2)	963,93	949,15
(3)	1017,88	1031,88	(3)	931,23	901,56
(4)	996,29	1000,10	(4)	1020,85	1034,73
(5)	914,61	955,36			
QEF3	Nível de Ensino	Quant. Familiares	Renda Familiar	QEF4	Nível de Ensino
	Rank Médio	Rank Médio	Rank Médio		Rank Médio
(1)	996,36	933,40	990,11	(1)	884,15
(2)	933,63	1056,89	941,75	(2)	1007,01
(3)	809,57	1002,50	779,74	(3)	983,56
(4)	957,76	985,26	998,77	(4)	959,51
(5)	950,24	1060,02	881,40		
QEF5	Nível de Ensino	Renda Familiar		QEF6	Nível de Ensino
	Rank Médio	Rank Médio			Rank Médio
(1)	895,87	855,90		(1)	945,18
(2)	952,35	901,31		(2)	994,66
(3)	1002,45	994,14		(3)	1004,91

(4)	1038,47	1100,27	(4)	917,93
(5)	949,97	971,95	(5)	1012,10
			(6)	797,09
			(7)	1083,68

QEF7	Nível de Ensino	Quant. Familiares	QEF8	Nível de Ensino	Idade	Quant. Familiares	Renda Familiar
	Rank Médio	Rank Médio		Rank Médio		Rank Médio	
(1)	903,41	917,04	(1)	975,64	974,73	973,81	987,61
(2)	912,98	943,88	(2)	989,43	970,02	953,69	952,93
(3)	1002,10	999,80	(3)	880,55	1009,08	915,66	1037,16
(4)	1022,46	946,67	(4)	824,75	984,23	957,23	844,96
(5)	918,42	1059,40	(5)	889,18	827,34	1090,78	875,89

Fonte: Dados da pesquisa.

Em relação à forma de administrar os recursos financeiros (QEF1), observa-se que a opção guardar parte dos recursos para gastar conforme planejado (3) apresentou o maior ranking (1017,88), em relação a série cursada no ensino médio (QAP1). Deste modo, o achado indica que o avanço do aluno em séries superiores do ensino médio impacta na opção de guardar parte dos recursos financeiros para gastar conforme planejado.

Por outro lado, os alunos que costumam guardar parte dos recursos, porém sem planos futuros (1), estão cursando séries iniciais do ensino médio. Tais evidências remetem à inferência de que há um amadurecimento dos alunos em relação ao planejamento financeiro com o avanço no tempo de ensino médio.

Além disso, em relação a renda média mensal do grupo familiar (QAP4), percebe-se que a opção de guardar parte dos recursos para gastar conforme planejado (3) e guardar e investir parte de rendimentos (4), apresentaram maiores rankings respectivamente com (1031,88; e 1000,10). Tais achados indicam que os estudantes de famílias que possuem maiores rendas apresentam maior nível de educação financeira, visto que guardam seus recursos e gastam conforme planejado, e parte dos recursos são investidos.

Sobre a responsabilidade de apresentar relatórios financeiros para os pais ou companheiro (a) (QEF2), os achados indicam que os alunos que cursam as séries superiores do ensino médio (QAP1) e com maior idade (QAP2), na maioria, não precisam explicar como estão fazendo uso dos recursos financeiros (4). Tais achados demonstram que o amadurecimento no ensino e na idade, fazem com que haja menor exigência em dar explicações sobre o uso dos recursos financeiros. Com isso, também neste item o trabalho se aproxima do estudo de Potrich, Vieira e Kirsch (2015), para os quais a o nível de escolaridade influencia no grau de alfabetização financeira.

Em relação ao diálogo na hora de decidir a compra de um produto para o uso da família (QEF3), verifica-se que a opção de que o estudante quando solicitado, acaba dando sua opinião e ela é considerada (1) apresentou melhor ranking (996,36), com relação a série que cursa no ensino médio (QAP1). Assim, estar mais adiantado nas séries do ensino médio faz com que os alunos tenham maior interferência nas decisões de compra de produtos para a família.

Em relação a quantidade de membros que compõem o grupo familiar (QAP3), é possível inferir que os maiores rankings foram relacionados ao aluno não ter sua opinião solicitada (5), dar opinião, mas ela não ser considerada (2), e quando solicitado não dá sua opinião (3), respectivamente com (1060,02; 1056,89 e 1002,50). Diante desta perspectiva, os resultados sugerem que uma família maior não colabora para uma maior participação em conversas sobre

finanças. Tal evidência sugere uma menor contribuição de grupos familiares maiores, justo dos quais poderia se esperar uma maior colaboração, afinal segundo Scott (2010), a família pode exercer por meio do exemplo dentro de casa a condição de aliado na construção de indivíduos que possuam uma melhor racionalidade de gastos.

Além disso, nas famílias com maior renda familiar (QAP4) os estudantes apresentam maior interferência sobre as decisões de compra, visto que “quando solicitado, o aluno da sua opinião e ela é considerada” (1), e “mesmo não tendo a opinião solicitada, os estudantes emitem suas opiniões” (4), apresentam maiores rankings médios, respectivamente com (990,11 e 998,77). Esta melhor condição participativa dos estudantes nos assuntos financeiros em famílias de renda alta pode favorecer um maior conhecimento financeiro, o que vem a corroborar com o trabalho de Heckman *et al* (2011), o qual encontrou uma forte correlação entre o patamar de renda das famílias de universitários americanos e o nível de educação financeira.

Em relação a frequência com que os alunos conversam com os pais sobre dinheiro (QEF4), verifica-se que séries mais elevadas no ensino médio (QAP1) apresentam maior ranking (1007,01) com relação ao diálogo espontâneo (2). Por outro lado, quanto mais inicial a série cursada no ensino médio, maior a probabilidade do estudante não costumar conversar sobre aspectos financeiros (1), ranking de (884,15).

Sobre os assuntos financeiros mais questionados com a família (QEF5), tem-se estudos e carreira (3), e investimentos (4), com melhores rankings (1002,45; e 1038,47), em relação a série que cursa no ensino médio (QAP1). Além disso, os achados indicam que famílias com melhores rendas (QAP4), tendem a discutir com os estudantes questões relacionadas à investimentos, ranking de (1100,27).

Em relação à forma de adquirir conhecimentos financeiros (QEF6), foi observado que os estudantes em séries mais elevadas do ensino médio (QAP1) adquirem conhecimentos financeiros, com maior intensidade, no trabalho e em cursos específicos (7), ranking (1083,68), na escola (5), ranking de (1012,10) e na prática do dia-a-dia (3), ranking de (1004,91).

No que tange ao perfil financeiro (QEF7), os achados indicam que os estudantes em séries mais concluintes do ensino médio (QAP1), possuem um perfil de poupador (4), com ranking de (1022,46), e cauteloso (3) com ranking de (1002,10). Por outro lado, os estudantes com menor nível de ensino médio (QAP1), possuem um perfil de gastador (1), ranking de (903,41).

Por fim, em relação a decisão do que fazer com o dinheiro (QEF8), os resultados indicam que estudantes com em séries mais avançadas do ensino médio (QAP1), possuem maior intensidade sobre decidir sozinhos (1) o que fazer com o dinheiro, resposta que obteve o ranking de (975,64). Já conforme a idade (QAP2) dos estudantes aumenta, há maior tendência para decidir o que fazer com o dinheiro conversando com outras pessoas (3).

Esta preponderância em decidir sozinho como aplicar os recursos se mostra perigosa analisando-se que, aproximadamente 70% dos respondentes, afirmaram adquirir o conhecimento na família ou na prática do dia-a-dia, mas aproximadamente 55% não costumam conversar sobre finanças na sua família ou não o fazem com regularidade. Este dado preocupa, pois como afirmou Campbell (2006) as escolhas mais conscientes entre os vários produtos financeiros existentes podem ser feitas apenas por sujeitos com maior capacitação e conhecimento. Assim, essa melhor qualificação deverá ocorrer formalmente ou não, nos

próximos anos, pois estes estudantes tendem a resolver sozinhos como e onde aplicar seu dinheiro, apesar da idade, em alguns casos, minimizar essa postura.

Outro apontamento é que conforme aumenta a quantidade de membros que compõem o grupo familiar (QAP3), a resposta não recebo dinheiro (5) possui maior intensidade. Além disso, em famílias com maior renda (QAP4), o estudante apresenta maior intensidade para decidir o que fazer com o dinheiro com outras pessoas (3), com ranking de (1037,16).

Nas variáveis de aspectos individuais, demográficos e de socialização que foram mensuradas com variáveis nominais, foi utilizado o teste qui-quadrado para observar-se possíveis diferenças entre gênero e ganhos financeiros sobre as questões de educação financeira dos estudantes. A Tabela 5 mostra as variáveis de aspectos pessoais com significância em relação as questões de educação financeira.

Tabela 5 – Resultado de significância do teste qui-quadrado dos aspectos individuais, demográficos e de socialização sobre as questões de educação financeira

Fatos (Dependentes)	Sig. Qui-Quadrado Variáveis Independentes	
	Gênero (QAP5)	Ganhos Financeiros (QAP6)
QEF1	0,162	0,241
QEF2	0,024*	0,000*
QEF3	0,000*	0,000*
QEF4	0,000*	0,000*
QEF5	0,008*	0,000*
QEF6	0,000*	0,001*
QEF7	0,000*	0,683
QEF8	0,001*	0,000*

* Significância ao nível de 5%

Fonte: Dados da pesquisa.

Os resultados da Tabela 5 indicam que o gênero (QAP5) demonstrou-se preponderante para a visão diferenciada dos alunos sobre: a responsabilidade de apresentar relatórios financeiros (QEF2), o diálogo na hora de decidir sobre a compra de produtos (QEF3), frequência com que conversam com pais sobre assuntos financeiros (QEF4), assunto financeiro mais questionado com a família (QEF5), forma de aquisição de algum conhecimento financeiro (QEF6), perfil financeiro (QEF7) e a decisão de o que fazer com o dinheiro (QEF8), todos com significância ao nível de 5%.

Por fim, os ganhos financeiros (QAP6) só não apresentaram impacto sobre (QEF1) ou seja como administrar seus recursos financeiros e (QEF7) em relação ao perfil financeiro do respondente. Para com todas as demais questões os ganhos financeiros apresentaram significância ao nível de 5%. A Tabela 6 mostra os resultados do teste qui-quadrado dos aspectos individuais, demográficos e de socialização em relação a responsabilidade de apresentar relatórios financeiros (QEF2).

Tabela 6 – Teste qui-quadrado de aspectos individuais, demográficos e de socialização sobre a responsabilidade de apresentar relatórios financeiros (QEF2)

			QEF2			
			(1)	(2)	(3)	(4)
Gênero	Masculino	Cont.	204	162	160	377
		Cont. Esp.	209,3	151	186,50	356,2
	Feminino	Cont.	242	160	233	375
		Cont. Esp.	234,1	168,9	208,6	398,4
	Não definido	Cont.	3	2	7	12
		Cont. Esp.	5,6	4	5	9,5

	Tenho Salário	Cont.	79	69	53	205
		Cont. Esp.	94,1	67,9	83,8	160,1
Ganhos Financeiros	Tenho salário e ajudo minha família	Cont.	69	67	48	115
		Cont. Esp.	69,3	50	61,7	117,9
	Mesmo tendo salário, recebo ajuda da família	Cont.	26	20	29	44
		Cont. Esp.	27,6	19,9	24,6	46,9
	Não tenho salário, e nem recebo ajuda da família	Cont.	77	52	72	144
		Cont. Esp.	80	57,7	71,2	136,1
Não tenho salário, mas recebo ajuda da família	Cont.	198	116	198	256	
	Cont. Esp.	178	128,5	158,6	302,9	

Cont.: Contagem; Cont. Esp.: Contagem Esperada.

Fonte: Dados da pesquisa.

Verifica-se na Tabela 6, em relação a responsabilidade de apresentar relatórios financeiros aos pais ou companheiro (a), que o gênero feminino possui maior exigência na apresentação de algum tipo de explicação quando precisa pedir mais dinheiro (3). Além disso, os achados indicam que o gênero masculino tem maior predominância para não precisar explicar o uso de seus recursos financeiros (4).

Nos ganhos financeiros em relação a responsabilidade de apresentar relatórios financeiros para os pais ou companheiro (a), os achados indicam que os estudantes com salário têm menor intensidade na obrigação de apresentar explicações sobre como estão usando seus recursos (1), mas, aqueles que não tem salário, e recebem ajuda financeira da família, possuem maior obrigação de apresentar explicações (1). Aqueles estudantes que tem salário, e ajudam a família, e os que não tem salário, mas recebem ajuda da família, apresentam com maior intensidade algum tipo de explicação de seus gastos somente quando estes são muito altos (2).

A necessidade de algum tipo de explicação somente quando precisa pedir mais dinheiro (3), é mais intensa para os que não tem salário, mas recebem ajuda da família, e menor para aqueles que tem salário. Por fim, os alunos com salário possuem maior propensão a não precisar explicar como estão usando os recursos financeiros (4). De maneira geral, os achados indicam que há uma maior independência na responsabilidade de apresentar explicações sobre gastos financeiros aos pais e ou companheiro (a), alternativa que registrou (39,44%) dos respondentes.

A Tabela 7 mostra os resultados do teste qui-quadrado dos aspectos individuais, demográficos e de socialização em relação ao diálogo na hora de decidir a compra de um produto para o uso da família (QEF3).

Tabela 7 – Teste qui-quadrado de aspectos individuais, demográficos e de socialização sobre o diálogo na hora de decidir a compra de um produto para o uso da família (QEF3)

			QEF3				
			1	2	3	4	5
Gênero	Masculino	Cont.	473	76	62	207	85
		Cont. Esp.	491,8	58,3	46,2	228,4	78,3
	Feminino	Cont.	573	45	34	281	77
		Cont. Esp.	550,1	65,2	51,6	255,5	87,6
	Não definido	Cont.	9	4	3	2	6
		Cont. Esp.	13,1	1,5	1,2	6,1	2,1
Ganhos Financeiros	Tenho Salário	Cont.	241	28	14	89	34
		Cont. Esp.	221,1	26,2	20,8	102,7	35,2
	Tenho salário e ajudo minha família	Cont.	156	22	17	78	26
		Cont. Esp.	162,9	19,3	15,3	75,6	25,9
	Mesmo tendo salário, recebo ajuda da família	Cont.	69	6	9	29	6
		Cont. Esp.	64,8	7,7	6,1	30,1	10,3

Não tenho salário, e nem recebo ajuda da família	Cont.	154	32	30	86	43
	Cont. Esp.	187,9	22,3	17,6	87,3	29,9
Não tenho salário, mas recebo ajuda da família	Cont.	435	37	29	208	59
	Cont. Esp.	418,3	49,6	39,3	194,3	66,6

Cont.: Contagem; Cont. Esp.: Contagem Esperada.

Fonte: Dados da pesquisa.

Verifica-se na Tabela 7, em relação ao diálogo na hora de decidir a compra de um produto para o uso da família (QEF3) que o aluno do gênero feminino tem maior propensão para quando solicitado, dar a opinião e ela ser considerada (1) e mesmo quando não tem sua opinião solicitada, acaba por dar uma opinião (4). Em contrapartida, é menos intenso que respondentes do gênero feminino tenham sua opinião desconsiderada quando solicitado (2) e que quando solicitado não deem sua opinião (3). Os resultados apontam o gênero feminino mais envolvido com o diálogo na hora de decidir sobre a compra de um produto para o uso da família.

Nos ganhos financeiros, os principais achados indicam que o estudante com salário e aquele que não tem salário, mas recebe ajuda da família, tem maior probabilidade de quando solicitado, dar sua opinião e ela ser considerada (1), por outro lado, o estudante que não tem salário e nem recebe ajuda financeira da família tende a apresentar menor propensão que sua opinião seja considerada quando solicitada (1). A Tabela 8 mostra os resultados do teste qui-quadrado dos aspectos individuais, demográficos e de socialização em relação à frequência com que os alunos conversam com seus pais sobre dinheiro (QEF4).

Tabela 8 – Teste qui-quadrado de aspectos individuais, demográficos e de socialização sobre a frequência com que os alunos conversam com seus pais sobre dinheiro (QEF4)

			QEF4			
			1	2	3	4
Gênero	Masculino	Cont.	252	229	257	158
		Cont. Esp.	207,7	266,8	235,2	186,3
	Feminino	Cont.	187	338	241	238
		Cont. Esp.	232,7	299,0	263,5	208,7
	Não definido	Cont.	7	6	7	4
		Cont. Esp.	5,6	7,1	6,3	5,0
Ganhos Financeiros	Tenho Salário	Cont.	82	108	125	90
		Cont. Esp.	93,9	120,6	106,3	84,2
	Tenho salário e ajudo minha família	Cont.	50	90	79	75
		Cont. Esp.	68,2	87,6	77,2	61,1
	Mesmo tendo salário, recebo ajuda da família	Cont.	21	41	28	29
		Cont. Esp.	27,6	35,4	31,2	24,7
	Não tenho salário, e nem recebo ajuda da família	Cont.	117	86	75	63
		Cont. Esp.	79,0	101,6	89,5	70,9
	Não tenho salário, mas recebo ajuda da família	Cont.	176	248	198	143
		Cont. Esp.	177,3	227,8	200,8	159,0

Cont.: Contagem; Cont. Esp.: Contagem Esperada.

Fonte: Dados da pesquisa.

Os resultados da Tabela 8 demonstram que no que tange ao gênero, verifica-se que o aluno do gênero masculino possui maior propensão para não conversar costumeiramente sobre dinheiro (1), e o gênero feminino tem maior intensidade na frequência de dialogar diariamente (4) sobre assuntos financeiros.

Adicionalmente, os achados indicam que o aluno que tem salário possui menor probabilidade de não conversar costumeiramente sobre assuntos financeiros (1), já aquele que não tem salário, e nem recebem ajuda financeira da família, possui menor probabilidade de

manter de modo costumeiro conversas sobre assuntos financeiros. Além disso, o diálogo espontâneo sobre finanças é a forma escolhida por quem tem salário e quem não tem salário, mas recebe ajuda financeira da família. O aluno que tem salário também costuma com maior intensidade dialogar regulamente (3), e diariamente (4).

A Tabela 9 mostra os resultados do teste qui-quadrado dos aspectos individuais, demográficos e de socialização em relação ao assunto financeiro que é mais questionado com a família (QEF5).

Tabela 9 – Teste qui-quadrado de aspectos individuais, demográficos e de socialização em relação ao assunto financeiro que é mais questionado com a família (QEF5)

			QEF5				
			1	2	3	4	5
Gênero	Masculino	Cont.	115	130	230	107	321
		Cont. Esp.	100,2	127,7	266,2	94,2	314,7
	Feminino	Cont.	95	142	333	94	346
		Cont. Esp.	112,1	142,9	297,7	105,3	352,0
	Não definido	Cont.	5	2	8	1	8
		Cont. Esp.	2,7	3,4	7,1	2,5	8,4
Ganhos Financeiros	Tenho Salário	Cont.	36	68	104	42	156
		Cont. Esp.	45,1	57,4	119,7	42,3	141,5
	Tenho salário e ajuda minha família	Cont.	30	40	85	44	100
		Cont. Esp.	33,2	42,3	88,1	31,2	104,2
	Mesmo tendo salário, recebo ajuda da família	Cont.	9	12	43	17	38
		Cont. Esp.	13,2	16,8	35,1	12,4	41,5
	Não tenho salário, e nem recebo ajuda da família	Cont.	71	48	95	31	100
		Cont. Esp.	38,3	48,8	101,7	36,0	120,2
	Não tenho salário, mas recebo ajuda da família	Cont.	69	106	244	68	281
		Cont. Esp.	85,2	108,6	226,4	80,1	267,6

Cont.: Contagem; Cont. Esp.: Contagem Esperada.

Fonte: Dados da pesquisa.

Os achados apresentados na Tabela 9 demonstram que o aluno do gênero masculino tem maior propensão à questionar com a família sobre assuntos financeiros relacionados ao consumismo (2) e sobre investimentos (4), por outro lado, o gênero feminino é mais propenso aos questionamentos de estudos e carreira (3), e sobre o uso consciente do dinheiro (5).

Em relação aos ganhos financeiros observa-se que o aluno que não tem salário e nem recebe ajuda da família tem maior propensão a não conversar sobre assuntos financeiros com os pais (1), por outro lado, aquele que não tem salário, mas recebe ajuda financeira da família tem menor propensão em não conversar sobre assuntos financeiros com os pais (2).

Também se vê que os alunos com salário são propensos a questionar assuntos relacionados ao consumismo (2), e possui menor intensidade no questionamento de questões relacionadas a estudos e carreira (3), contudo, aquele que não tem salário, mas recebe ajuda da família é propenso a falar sobre estudos e carreira (3).

A Tabela 10 mostra os resultados do teste qui-quadrado dos aspectos individuais, demográficos e de socialização sobre a forma com adquiriu conhecimentos financeiros (QEF6).

Tabela 10 – Teste qui-quadrado de aspectos individuais, demográficos e de socialização sobre a forma como foram adquiridos conhecimentos financeiros (QEF6)

		QEF6						
		1	2	3	4	5	6	7

Gênero	Masculino	Cont.	392	88	212	40	81	50	40
		Cont. Esp.	409,8	73,2	223,3	23,3	82,0	45,2	46,2
	Feminino	Cont.	480	67	257	9	93	46	58
		Cont. Esp.	458,3	81,9	249,8	26,1	91,8	50,6	51,6
	Não definido	Cont.	7	2	10	1	2	1	1
		Cont. Esp.	10,9	1,9	5,9	,6	2,2	1,2	1,2
Ganho s Financ eios	Tenho Salário	Cont.	176	23	113	8	31	23	32
		Cont. Esp.	184,2	32,9	100,4	10,5	36,9	20,3	20,8
	Tenho salário e ajuda minha família	Cont.	125	21	87	13	23	11	19
		Cont. Esp.	135,7	24,2	73,9	7,7	27,2	15,0	15,3
	Mesmo tendo salário, recebo ajuda da família	Cont.	60	6	29	4	11	2	7
		Cont. Esp.	54,0	9,6	29,4	3,1	10,8	6,0	6,1
	Não tenho salário, e nem recebo ajuda da família	Cont.	144	38	77	12	37	26	11
		Cont. Esp.	156,6	28,0	85,3	8,9	31,3	17,3	17,6
	Não tenho salário, mas recebo ajuda da família	Cont.	374	69	173	13	74	35	30
		Cont. Esp.	348,5	62,2	189,9	19,8	69,8	38,5	39,3

Cont.: Contagem; Cont. Esp.: Contagem Esperada.

Fonte: Dados da pesquisa.

Os resultados da Tabela 10 indicam que o gênero feminino tem maior propensão a adquirir conhecimentos financeiros com a família e parentes (1), na prática do dia-a-dia (2), na escola (5), e no trabalho ou cursos específicos (6). Alunos do gênero masculino tem maior propensão a aprendizagem sobre assuntos financeiros na mídia, TV, internet e jornais (3), com amigos e conhecidos (4).

Sobre os ganhos financeiros, o aluno com salário adquire com menor intensidade conhecimentos financeiros através da família e parentes (1), porém, aquele que não tem salário, mas recebe ajuda financeira da família adquire em maior proporção conhecimentos financeiros pela família e parentes (1). A aquisição de conhecimentos financeiros pela mídia, TV, internet e jornais (2), ocorre com maior intensidade pelo aluno que não tem salário, e nem recebe ajuda financeira da família.

Os estudantes que adquiriram maior conhecimentos financeiros pela prática do dia-a-dia (3) foram alunos com salário e que ajudam a família, sendo que os que menos utilizam a prática para sua capacitação financeira são aqueles sem salário, e sem ajuda da família, e os que não tem salário mas recebem ajuda da família (5). A seguir, a Tabela 11 mostra os resultados do teste qui-quadrado dos aspectos individuais, demográficos e de socialização em relação ao perfil financeiro (QEF7).

Tabela 11 – Teste qui-quadrado de aspectos individuais, demográficos e de socialização em relação ao perfil financeiro (QEF7)

		QEF7					
		1	2	3	4	5	
Gênero	Masculino	Cont.	183	123	362	182	53
		Cont. Esp.	205,1	93,2	377,1	170,2	57,3
Feminino		Cont.	252	74	438	180	66
		Cont. Esp.	229,4	104,3	421,8	190,3	64,1
Não definido		Cont.	5	3	9	3	4
		Cont. Esp.	5,5	2,5	10,0	4,5	1,5

Cont.: Contagem; Cont. Esp.: Contagem Esperada.

Fonte: Dados da pesquisa.

Verifica-se na Tabela 11 que os alunos do gênero feminino apresentaram maiores proporções para um perfil financeiro de gastador (1) e uma tendência maior para o perfil de desligado (5). Em contrapartida os alunos de gênero masculino possuem maior tendência ao

perfil de conservador (2) e uma maior intensidade como poupadores (4). Sobre o perfil cauteloso (3), o gênero feminino foi maior intensificado.

Tais achados que atribuem ao perfil do gênero masculino características de poupador e conservador sugerem algo que converge parcialmente ao estudo de Potrich, Vieira e Kirsch (2015), os quais apontaram que os indivíduos do gênero masculino, sem dependentes, com maiores níveis de escolaridade, de renda própria e familiar; apresentam tendência a pertencer ao grupo com alto nível de alfabetização financeira.

De modo geral, percebe-se que o perfil financeiro do gênero masculino tende a apresentar maiores características de educação financeira, visto que há praticamente o mesmo número de poupadores e gastadores (182/183) e maior intensidade no conservadorismo. Já o gênero feminino tende a apresentar gastos excessivos sem poupar parte dos recursos o que foi evidenciado por uma proporção de 252 respondentes que se consideraram gastadores contra 180 que se apresentaram como poupadores.

A Tabela 11 mostra os resultados do teste qui-quadrado dos aspectos individuais, demográficos e de socialização em relação à decisão de que fazer com o dinheiro (QEF8).

Tabela 11 – Teste qui-quadrado de aspectos individuais, demográficos e de socialização em relação à decisão de que fazer com o dinheiro (QEF8)

			QEF8				
			1	2	3	4	5
Gênero	Masculino	Cont.	540	276	39	25	23
		Cont. Esp.	506,3	303,0	31,2	28,0	34,5
	Feminino	Cont.	529	370	28	34	49
		Cont. Esp.	566,3	338,9	34,9	31,3	38,6
	Não definido	Cont.	17	4	0	1	2
		Cont. Esp.	13,5	8,1	0,8	0,7	0,9
Ganhos Financeiros	Tenho Salário	Cont.	246	135	12	10	3
		Cont. Esp.	227,6	136,2	14,0	12,6	15,5
	Tenho salário e ajuda minha família	Cont.	165	114	8	12	0
		Cont. Esp.	167,6	100,3	10,3	9,3	11,4
	Mesmo tendo salário, recebo ajuda da família	Cont.	72	41	3	2	1
		Cont. Esp.	66,7	39,9	4,1	3,7	4,5
	Não tenho salário, e nem recebo ajuda da família	Cont.	200	78	11	18	38
		Cont. Esp.	193,4	115,8	11,9	10,7	13,2
	Não tenho salário, mas recebo ajuda da família	Cont.	403	282	33	18	32
		Cont. Esp.	430,6	257,7	26,6	23,8	29,3

Cont.: Contagem; Cont. Esp.: Contagem Esperada.

Fonte: Dados da pesquisa.

Os resultados da Tabela 11 indicam que o gênero masculino possui maior propensão a decidir sozinho (1) o que fazer com o dinheiro. Também decide mais intensamente conversando com outras pessoas (3) do que o gênero feminino. No entanto, em relação a tomar decisão por meio de conversas com os pais ou companheiro (2), o gênero feminino o faz com maior intensidade; assim como apresenta maior tendência que os pais decidam em que devem gastar (4), e também a não receber dinheiro (5).

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

As evidências preliminares sobre aspectos individuais, demográficos e de socialização, indicam que a renda média mensal familiar predominante para o grupo pesquisado é de R\$ 788,00 a R\$ 2.364,00. A maioria dos alunos não tem remuneração, e outra parcela significativa recebe ajuda financeira por parte da família. Além disso, a maioria dos

respondentes cursa a segunda série do ensino médio, e possuem idade inferior ou igual à 16 anos. Por fim, a maioria dos respondentes vive em um grupo familiar composto por quatro pessoas, e há uma distribuição equivalente de respondentes do gênero masculino e feminino.

Em relação ao nível de educação financeira dos alunos sobre os aspectos individuais, demográficos e de socialização, fazem emergir que há um amadurecimento dos alunos para o planejamento financeiro com o avanço no tempo de ensino médio. Os estudantes de famílias com maiores rendas apresentam maior nível de educação financeira, visto que guardam seus recursos e gastam conforme planejado. Além disso, sugere-se uma menor contribuição de grupos familiares maiores, justo dos quais poderia se esperar uma maior colaboração a final.

Por fim, os achados indicam que os alunos do gênero masculino possuem maior predominância para não explicar sobre o uso de seus recursos financeiros, menor diálogo na hora de decidir sobre a compra de um produto para o uso da família, menor frequência de diálogo familiar sobre assuntos financeiros, menor propensão para abordar sobre estudos, carreira e uso consciente do dinheiro, e perfil de conservador/poupador.

Em relação à educação financeira, conclui-se que parte de alunos do ensino médio costuma guardar recursos para gastar somente conforme necessário, mas, parcela significativa de jovens guarda dinheiro somente quando sobra, e poucos possuem investimentos. O resultado indica que não há uma educação financeira efetiva entre os jovens estudantes do ensino médio.

Um fator importante observado é que parte significativa dos jovens não são obrigados a explicar aos pais em que estão gastando seus recursos financeiros. Além disso, apesar de jovens não explicarem sobre seus gastos, e não terem um efetivo conhecimento sobre educação financeira, ainda assim, tem suas opiniões consideradas pelos pais na hora de decidir sobre a compra de um produto para o uso da família.

Os achados oferecem indícios para inferir que não há uma educação financeira efetiva entre os jovens estudantes do ensino médio, o que transparece em achados como: parte dos jovens não são obrigados a explicar aos pais em que estão gastando seus recursos financeiros; os alunos têm adquirido, em boa parte, conhecimentos financeiros com pais e parentes, e na prática do dia-a-dia, porém há pouco diálogo, no ambiente familiar, sobre assuntos financeiros.

O conhecimento financeiro advindo da escola é baixo, sendo necessário uma melhoria na qualidade deste conhecimento, nesta fase ou futuramente, inclusive na graduação. Por fim, os futuros adultos podem causar problemas sociais pela incapacidade de administrar seus próprios recursos e os gastos de suas famílias.

Conclui-se que a escola repassa poucos ensinamentos sobre educação financeira, remetendo que deve haver maior envolvimento no processo de formação financeira dos indivíduos, principalmente crianças e adolescentes. Caso não ocorra uma melhoria neste processo, os futuros adultos podem causar problemas sociais pela incapacidade de administrar seus próprios recursos e os gastos de suas famílias.

REFERÊNCIAS

- Becker, G. S. (1967). *Human capital and the personal distribution of income: An analytical approach* (No. 1). Institute of Public Administration.
- Bernheim, B. D., Garrett, D. M., & Maki, D. M. (2001). Education and saving: The long-term effects of high school financial curriculum mandates. *Journal of Public Economics*, 80(3), 435-465.

- Bessa, S., Fermiano, M. B., & Coria, M. D. (2014). Compreensão econômica de estudantes entre 10 e 15 anos. *Revista Psicologia & Sociedade*, 26(2).
- Braunstein, S., & Welch, C. (2002). Financial literacy: An overview of practice, research, and policy. *Fed. Res. Bull.*, 88, 445.
- Campbell, J. Y. (2006). Household finance. *The Journal of Finance*, 61(4), 1553-1604.
- Clancy, M., Grinstein-Weiss, M., & Schreiner, M. (2001). *Financial education and savings outcomes in individual development accounts*. Working Paper 01-2. St. Louis, MO: Center for Social Development, Washington University.
- Cohen, M., & Young, P. (2007). Using microinsurance and financial education to protect and accumulate assets. *Reducing Global Poverty, The Case for Assets Accumulation*.
- Costa, C. M., & Miranda, C. J. (2013). Educação Financeira e taxa de poupança no Brasil. *Revista de Gestão, Finanças e Contabilidade*, 3(3), 57.
- Denegri, M., Palavecinos, M., Ripoll, M., & Yáñez, V. (1999). Caracterización psicológica del consumidor de la IX Región. *Consumir para Vivir y no Vivir para Consumir*, 7-31.
- Fávero, L. P. et al. (2009). *Análise de dados: modelagem multivariada para a tomada de decisões*. Rio de Janeiro: Campus.
- Fernandes, A. H. D. S., & Candido, J. G. (2014). Educação financeira e nível do endividamento: relato de pesquisa entre os estudantes de uma instituição de ensino da cidade de São Paulo. *Revista Eletrônica Gestão e Serviços*, 5(2), 894-913.
- Fox, J., Bartholomae, S., & Lee, J. (2005). Building the case for financial education. *Journal of consumer affairs*, 39(1), 195-214.
- Frankenberg, L. (1999). *Seu futuro financeiro*. 8. ed. Rio de Janeiro: Campus.
- Heckman, S. J., & Grable, J. E. (2011). Testing the role of parental debt attitudes, student income, dependency status, and financial knowledge have in shaping financial self-efficacy among college students. *College Student Journal*, 45(1), 51.
- Lizote, S. A., & Verdinelli, M. A. (2014). Educação Financeira: um Estudo das Associações entre o Conhecimento sobre Finanças Pessoais e as Características dos Estudantes Universitários do Curso de Ciências Contábeis. Anais... XIV Congresso USP de Controladoria e Contabilidade, São Paulo, 21 a 23 de julho de 2014.
- Loibl, C., & Fisher, P. J. (2013). Academic discipline and personal finance instruction in high school. *Journal of Financial Counseling and Planning*, 24(1), 15.
- Lusardi, A. (2007). 401 (k) Pension Plans and Financial Advice: Should Companies Follow IBM's Initiative?. *Employee Benefit Plan Review*, 62(1), 16-17.
- Lusardi, A. (2009). The importance of financial literacy. *NBER Reporter*, 2, 13-16.
- Lusardi, A., & Mitchell, O. S. (2007). Baby boomer retirement security: The roles of planning, financial literacy, and housing wealth. *Journal of monetary Economics*, 54(1), 205-224.
- Lyons, A. C. (2004). A profile of financially at-risk college students. *The Journal of Consumer Affairs*, 38(1), 56-80.
- Mori, E., & Lewis, A. (2001). Money in the contemporary Family. *Nestle Family Monitor*, 20, 3-21.
- Organisation for Economic Co-operation and Development (OECD). (2013). *Financial literacy and inclusion: Results of OECD/INFE survey across countries and by gender*. Paris, France: OECD Centre.
- Perry, V. G. (2008). Is ignorance bliss? Consumer accuracy in judgments about credit ratings. *Journal of Consumer Affairs*, 42(2), 189-205.

- Potrich, A. C. G., Vieira, K. M., & Kirch, G. (2015). Determinantes da Alfabetização Financeira: Análise da Influência de Variáveis Socioeconômicas e Demográficas. *Revista Contabilidade & Finanças*, 26(69), 362-377.
- Savoia, J. R. F., Saito, A. T., & Santana, F. D. A. (2007). Paradigmas da educação financeira no Brasil. *Revista de Administração pública*, 41(6), 1121-1141.
- Vieira, S. F. A., Bataglia, R. T. M., & Sereia, V. J. (2011). Educação financeira e decisões de consumo, investimento e poupança: uma análise dos alunos de uma universidade pública do norte do Paraná. *Revista de Administração da Unimep*, 9(3), 61-86.